

VISITA PASTORAL ÀS PARÓQUIAS DA ZONA PASTORAL DE TABUAÇO

«Anunciar o Evangelho não é para mim um título de glória, mas uma *necessidade* que se me impõe *desde fora*. Ai de mim se não anunciar o Evangelho!» (1 Cor 9,16).

«A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo. Este desígnio brota do “amor fontal”, isto é, da caridade de Deus Pai» (Decreto *Ad gentes*, n.º 2).

«Anunciar o Evangelho constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. A Igreja existe para Evangelizar» (Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* [1975], n.º 14).

«Há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra» (Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* [2013], n.º 127).

1. Terá início no próximo dia 05 de janeiro e prolongar-se-á até ao dia 19 de maio do ano da Graça de 2019 a Visita Pastoral às 17 Paróquias que compõem a zona pastoral de Tabuaço. Começará com a Paróquia de Santo Antão de Desejosa e terminará com a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Tabuaço. Depois de S. João da Pesqueira, Mêda, Tarouca, Armamar, Lamego, Moimenta da Beira, Sernancelhe, Vila Nova de Paiva, Castro Daire, Resende, Cinfães, Vila Nova de Foz Côa e Penedono, Tabuaço é a 14.^a zona pastoral que *visito* em território da nossa Diocese de Lamego.

2. Como bem refere o *Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos*, a *Visita Pastoral* é um «acontecimento de graça que, de algum modo, reflete aquela tão especial *visita* com a qual o Supremo Pastor (1 Pedro 5,4), Jesus Cristo, *visitou* e redimiu o seu povo (Lucas 1,68)» (n.º 220).

3. Como se vê, o próprio *Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos*, quando fala da *Visita Pastoral* do Bispo quis dar-lhe como referência e modelo fundamental a *Visita* boa e bela de Jesus Cristo, recorrendo para isso ao Evangelho segundo São Lucas. Acrescento, por minha conta, outras referências do mesmo Evangelho, igualmente significativas e esclarecedoras acerca do alcance da *Visita* de Deus, de Jesus, ao seu povo.

A primeira surge no final da oração de Zacarias, o *Benedictus*, de que acabámos de ouvir o início, que aqui repito: «Bendito o Senhor, Deus de Israel, que *visitou* (*episképtomai*) e redimiu o seu povo» (Lucas 1,68). Depois de Zacarias passar a história do seu povo em revista, como quem a acaricia e a estreita ao coração, fazendo com ela uma bela *h^arizah* (colar), termina assim:

«Por causa das entranhas de misericórdia (*splágchna eléous*) do nosso Deus, pelas quais nos *visitará* (*episképtomai*) o sol do alto, para iluminar

os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e para guiar os nossos passos no caminho da paz» (Lucas 1,78-79).

O tema da *Visita* volta a emergir no contexto da ressuscitação do filho da viúva de Naim, em que o narrador mostra a reação maravilhada do povo e o conteúdo que expressa:

«O temor tomou conta de todos, e glorificavam a Deus, dizendo: “um profeta grande se levantou entre nós, e Deus *visitou* (*episképtomai*) o seu povo”» (Lucas 7,16).

Ouve-se ainda uma última vez no contexto da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, em que Jesus chora sobre a cidade, e diz:

«Dias virão para ti nos quais os teus inimigos te cingirão de trincheiras, e te rodearão e apertarão de todos os lados. Destruir-te-ão, a ti e aos teus habitantes, e não ficará em ti pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo da tua *visita* (*episkopê*)» (Lucas 19,43-44).

4. Faço notar que, no texto grego do Novo Testamento, esta *visita* se diz *episkopê*, como *visitar* se diz *episképtomai*, e *bispo* se diz *epískopos*. *Epí-skopéô* desenha um olhar de cima para baixo. Mas não é um olhar de superioridade, sobrançeria ou prepotência ou policial. É, antes, um olhar maternal e paternal, um olhar de graça.

5. Pondo as coisas neste grau de beleza e de exigência, a mim, como vosso bispo, compete-me, através da *Visita* Pastoral, ser no meio de vós a transparência pura de Jesus Cristo, e ajudar a encher de mais amor e alegria a família de Deus espalhada pelas 17 Paróquias desta Zona Pastoral de Tabuaço.

6. Compete-me também despertar para este mistério e ministério de mais amor, graça, paixão e proximidade, os meus irmãos que receberam a Ordem do Presbiterado, e que, no meio do povo santo de Deus, devem ser também, não meros animadores ou monitores, mas a transparência pura de Jesus Cristo e suas testemunhas fiéis, pobres, humildes, orantes, misericordiosos, agraciadores, evangelizadores.

7. Dito isto, não estou a dizer, amados irmãos e irmãs, fiéis leigos, que vós ficais reduzidos a meros espetadores ou recipientes do Evangelho de Jesus Cristo, do Evangelho que é Jesus Cristo, que o vosso bispo e os vossos párocos têm a missão de vos servir com amor, paixão, diligência e alegria.

8. Quero que esta *visita* pastoral sirva também para vos dizer, caríssimos irmãos e irmãs batizados em Cristo, que vós sois protagonistas da Evangelização, e que a vossa missão de Evangelizadores é necessária e fundamental, pois, além de constituir a vossa «identidade mais profunda» (Paulo VI, *Evangelii nuntiandi* [1975], n.º 14, e de estar inscrita no vosso ADN cristão desde o batismo (*Ad gentes*, n.º 2), ela é igualmente necessária para a renovação do tecido reticular da nossa Diocese de Lamego, toda unida e reunida à volta de Jesus Cristo, nosso Bom e Belo Pastor. Sim, escreve bem o Papa Francisco, «eu sou uma missão nesta terra» (n.º 273). Eu sou, tu és, ele é, nós somos.

9. São, na verdade, precisas mais mentes, mais corações, mais entranhas, mais braços, mais mãos, mais pés, mais pessoas envolvidas neste trabalho belo da Evangelização. Diz bem o *Documento de Aparecida* [2007] que «uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios» (n.º 202), para que todos se sintam «fraternalmente acolhidos, valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos», «membros de uma comunidade eclesial e corresponsáveis pelo seu desenvolvimento» (n.º 226), podendo dizer com alegria: «A Igreja é a nossa casa! Esta é a nossa casa!» (n.º 246).

10. Quer isto dizer, amados irmãos e irmãs, que, nas nossas paróquias, não pode haver cristãos, tipo «tanto se lhes dá como se lhes deu». Eu sei que há nas nossas paróquias catequistas, grupos corais, acólitos, leitores, grupos de jovens, ministros da comunhão, grupos sócio caritativos, zeladoras, sacristães, irmandades, associações diversas, movimentos diversos, conselhos para os assuntos económicos, conselhos pastorais... (Onde ainda não existirem estes serviços, esta é a altura de os implementar com coragem, sabedoria e discernimento). A todos deixo a minha gratidão. Mas também sei que há ainda muitos cristãos de convenção, ainda não radicalmente afetados por Jesus Cristo.

11. A listagem que fiz não pode servir para nos deixar descansados, porque já estamos inseridos em alguma missão. Nunca nos podemos esquecer de que, de acordo com o apelo do Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, «o objetivo destes processos participativos não há de ser principalmente a organização eclesial, mas o sonho missionário de chegar a todos» (n.º 31). Vai nesse sentido o lema da nossa Diocese para este Ano pastoral, que soa assim: «Igreja de Lamego, chamada e enviada em missão».

12. Para isso, é preciso dar um colorido novo a tudo o que já existe. E é preciso que todos os que se dizem discípulos de Jesus Cristo, e que já frequentam as nossas paróquias, sejam transformados em verdadeiros Evangelizadores. É necessário que os grupos já existentes aumentem em quantidade e qualidade. É urgente fazer surgir novos grupos. Por exemplo, grupos de Evangelização, de acolhimento, de escuta, de oração, de visitação, de leitura da Palavra de Deus, de estudo e reflexão, de caridade, escolas ou laboratórios de vivência e transmissão da fé.

13. A Evangelização é o nosso verdadeiro gerador de alegria e de energia. Ninguém pode ser apenas mero espectador ou recipiente do Evangelho. Esta atitude gera cansaço e desistência, falência a curto ou médio prazo. O Papa Francisco está outra vez cheio de razão quando escreve, na *Evangelii gaudium*, que é necessário «avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão», e pede à Igreja que se coloque em «estado permanente de missão em todas as regiões da Terra» (n.º 25). E confia a cada um, um TPC, esclarecendo que «Há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra» (n.º 127). O anúncio do Evangelho, o anúncio essencial, o mais belo, o mais importante e o mais necessário (n.º 35), que soa «Este Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, é o único Salvador» (Atos 2,23-24.32.36; 3,15-16; 4,10; 5,30-31; 10,39-40; 13,28-30; 17,31; 25,19), é «a primeira caridade» para o mundo (n.º 199; *Novo millennio ineunte* [2001], n.º 50).

14. Dito isto, fica claro que é Jesus de Nazaré o Rosto da Palavra e do Amor de Deus (Bento XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini* [2010], n.º 12), e que, portanto,

«A Igreja deve falar cada vez mais de Jesus Cristo, *rosto humano de Deus e rosto divino do homem*» (São João Paulo II, Exortação Apostólica *Ecclesia in America* [1999], n.º 67). E não apenas falar de Jesus, mas encontrar-se com Jesus, como refere, com preciosa precisão, o Papa Bento XVI, na sua Carta Encíclica *Deus caritas est* [2005], n.º 1, logo seguido pelo Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, n.º 7: «No início da vida cristã, não está uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com Jesus Cristo». E nunca nos devemos esquecer que só «a caridade das obras garante uma força inequívoca à caridade das palavras» (*Novo millennio ineunte*, n.º 50). Se estamos perante o fundamental, então é necessário, como refere o *Documento de Aparecida*, que «Nenhuma comunidade se deve considerar isenta de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam a transmissão da fé» (n.º 365).

15. Quero, com esta visita pastoral, dar o meu contributo para que todos possam verdadeiramente sentir a alegria de Evangelizar. Esta é a minha missão. Esta é a vossa missão. Vou para confirmar a vossa fé, animar a vossa caridade, estimular a vossa esperança. Conto com todos para juntos aprendermos a desenhar novos mapas de alegria, energia e felicidade. É assim que Deus gosta de ver os seus filhos. Rezai comigo e por mim, lutai comigo (*synagonízomai*) na oração (cf. Romanos 15,30), rezai com os vossos párocos e pelos vossos párocos, rezai uns com os outros e uns pelos outros.

16. Depois de um Ano Pastoral (2017-2018) dedicado à prática da Caridade, ao jeito do Bom Samaritano («Vai e faz tu também do mesmo modo»), já estamos a braços com o Ano Pastoral de 2018-2019, que nos faz olhar com particular atenção para os jovens, tendo em conta que, já em outubro de 2018, teve lugar em Roma o sínodo dos bispos, que se debruçou sobre «*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*». Mas outros sinais haverá ainda a requerer a nossa atenção. Ocorrerá o centenário da Carta Apostólica *Maximum illud*, do Papa Bento XV, que traz a data de 30 de novembro de 1919, e que apelava então à «propagação da fé católica no mundo inteiro». Para celebrar devidamente esse acontecimento, o Papa Francisco propôs a toda a Igreja a celebração e vivência do «Outubro Missionário Extraordinário» de 2019, sujeito ao tema «Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo». É firme desejo do Papa que este Outubro Missionário «desperte em nós, e que jamais nos seja roubado, o entusiasmo missionário».

17. Apoiando a iniciativa clarividente do Papa Francisco, a Conferência Episcopal Portuguesa achou por bem alargar o mapa e o calendário missionário ao inteiro ano pastoral de 2018-2019 (outubro a outubro), propondo para esse efeito o belo lema, devedor ao Papa Bento XVI, «Todos, tudo e sempre em missão». E a Diocese de Lamego alegra-se com a iniciativa do Papa e subscreve a ideia e ação de fazer do ano pastora de 2018-2019 um ano verdadeiramente missionário. Este colorido missionário não se desvia nem foge, de resto, ao desiderato já entretanto formulado nos Conselhos Diocesanos da nossa Diocese de dedicarmos os três anos (2018-2021) à vida da Igreja e em Igreja e de colocarmos o ano pastoral de 2018-2019, que é o primeiro dos três, sob a égide da Igreja carinhosamente olhada pelo seu ângulo vocacional. Ora, o Santo Papa Paulo VI, canonizado em 14 de outubro passado, vem dizer-nos, numa síntese admirável, que «Anunciar o Evangelho é a vocação própria da Igreja» (*Evangelii nuntiandi*, n.º 14). Portanto, Igreja, vocação da Igreja e anúncio do Evangelho são linhas perfeitamente entrelaçadas, que não podemos nem devemos destrinçar. Olharemos, pois, com particular afeto, para os jovens, sempre no horizonte de uma Igreja chamada e enviada em missão.

18. E não esqueçamos que é o SENHOR Crucificado e Ressuscitado a verdadeira razão de ser da Igreja, da nossa vida, da nossa vocação e da nossa missão. É a Ele que dirigimos hoje com alegria a nossa oração:

Tu, Senhor, Tu falas
E um caminho novo se abre a nossos pés,
Uma luz nova em nossos olhos arde,
Átrio de luminosidade,
Pão
De trigo e de liberdade,
Clareza que se ateia ao coração.

Luz nova, lareira acesa na cidade,
És Tu, Senhor, o clarão da tarde,
A notícia, a carícia, a ressurreição.

Passa outra vez, Senhor, dá-nos a mão,
Levanta-nos,
Não nos deixes ociosos nas praças,
Sentados à beira dos caminhos,
Sonolentos,
Desavindos,
A remendar bolsas ou redes.

Sacia-nos.
Envia-nos, Senhor,
E partiremos
O pão,
O perdão,
Até que em cada um de nós nasça um irmão.

Em tudo, contai sempre com o vosso bispo e irmão, + António, que a todos deseja um Santo e Feliz Natal, e, em nome do Senhor Jesus, vos abençoa e deseja um ano pastoral cheio da alegria do Evangelho.

Lamego, 23 de dezembro de 2018, Domingo IV do Advento, Dia do Senhor